

SUGESTÃO: EQUIPE PEDAGÓGICA – RS/SC/PR

EDUCAÇÃO E LIMITES:

OS (DES) CAMINHOS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA.

Edvânia Braz Teixeira Rodrigues

RESUMO: O artigo **Educação e Limites: os (des) caminhos das famílias e da escola** foi especialmente preparado como material de apoio à realização do **I Seminário de Pais e Mestres do CEPAE**, Projeto de Extensão realizado no ano letivo de 2003, e é trabalhado na perspectiva de perceber a relação existente entre a criança, o adolescente, a família e a escola, como um laboratório para trabalhar emoções, relações pessoais e coletivas bem como a construção do conhecimento. E nos fala, ainda, das concepções de criança, de adolescente e as dificuldades enfrentadas por pais e professores ao conviverem com as conquistas, frustrações, alegrias e conflitos... de seus filhos ou de seus alunos.

PALAVRAS CHAVE: Educação, Limites, Família.

Educar filhos é tarefa complexa: cada nova etapa do desenvolvimento do ser humano é um desafio à criatividade e à flexibilidade dos pais, pelo muito que deles exige em termos de tempo, dedicação e mudança de padrões de conduta e de atendimento às necessidades e às solicitações do filho.

Antes mesmo de tentar compreender o que se passa na cabeça da criança ou do adolescente, é preciso mergulhar no seu mundo, evidentemente resguardando a percepção amadurecida do adulto. É preciso entender que a criancinha, ao nascer, não é um papel em branco a ser preenchido pelos pais, amigos ou pela sociedade; é necessário compreender que o adolescente apresenta características próprias, maneiras peculiares de reagir, pode ser irrequieto e agitado ou absolutamente tranquilo a maior parte do tempo. Seu temperamento, suas atitudes vão depender do contexto em que vive, das pessoas que o cercam, das atividades que desenvolve, das relações que estabelece.

Se os pais acreditam que o adolescente “não tem vontade”, e ele não pode ter direito de escolher certas coisas, não é capaz de assumir responsabilidades ou de encontrar soluções para muitos de seus problemas, os pais tentarão dominá-lo autoritariamente, dando-lhe muitas ordens para serem sempre cumpridas com obediência e submissão.

Se os pais encaram o adolescente como um “ser frágil”, acreditam que ele não possa enfrentar situações mais difíceis, procuram protegê-lo ou poupá-lo excessivamente dos infortúnios da vida, ora omitindo-lhe fatos importantes, ora tentando enganá-lo de várias maneiras, estarão propiciando a formação de um ser alienado da realidade em que está inserido.

Na escola, o adolescente vivencia o momento do confronto de várias concepções do que é “ser adolescente”, na visão dos pais, dele próprio e dos profissionais que atuam na educação. A escola significa **um mundo novo, grande e desconhecido, diferente do pequeno mundo familiar**, com que está acostumado. Isso pode gerar insegurança, medo e instabilidade.

O papel da escola e da família é educar o jovem para a autonomia. Isso implica, fundamentalmente, em dar a ele **responsabilidades**, deixando, pouco a pouco, de fazer por ele o que já ele consegue fazer sozinho. Os pais devem buscar compreender que o adolescente necessita tomar decisões. Esta vivência, no entanto, pode ser menos dolorosa e transformar-se em algo muito rico, na medida em que pais e filhos se permitirem aprender a discutir afim de encontrarem juntos diferentes maneiras de enfrentar os problemas, diferentes formas de viver a vida, gerando um ambiente de respeito mútuo.

O desrespeito mútuo entre adultos, crianças e adolescentes gera a **indisciplina**. Para que haja **disciplina** é necessário **autoridade**. Aquilo que difere o **autoritarismo** do **comportamento de autoridade**, adotado pelos pais ou professores para que filhos ou alunos tornem-se mais educados ou disciplinados, é o respeito que eles demonstram pela autoestima da criança ou do adolescente.

Realizando as mínimas vontades de seu filho ou aluno, os pais ou professores poderão deixá-lo contente, contudo, tornar-lo-á um escravo do **"sim"**. Uma criança ou adolescente sem limites é emocionalmente frágil, com uma autoestima baixa. Muitos pais estão "amando demais". O "amar demais" não abre espaço para a construção de **"LIMITES"**.

Hoje seu filho é pequeno e quer tudo na mão: você acha isso normal ou "engraçadinho". Porém, ele se tornará adolescente e depois adulto, e, nesta caminhada, poderá distorcer fatos a seu favor, fazer o papel de vítima em situações em que se sinta desconfortável, tentar despertar a compaixão de todos à sua volta quando não tiver as suas vontades satisfeitas, conseguindo, assim, que tudo o favoreça como foi favorecido pelos pais quando era **criança**. Pode surgir daí aquelas personalidades que **querem levar vantagem em tudo**.

A criança que faz birras, joga objetos nos pais, responde e xinga a professora, poderá na adolescência, ameaçar sair de casa e até se matar. Nesses ataques, é como se dissesse aos pais: " - vou matar o filho de vocês"! Os pais perdem o poder e, o filho vira **rei ou rainha**. E os pais? Os pais? Estes se transformam em **escravos do reizinho mandão**.

Içami Tiba (2002) afirma que figuras paternas frágeis, mães hipersolícitas e professores permissivos transformam filhos e alunos em **"parafusos de geleia"**. " Se levam um apertão, espanam. Não aguentam ser contrariados. Não foram educados para suportar o 'não'. O parafuso de geleia é comumente encontrado nesta sequência: avós autoritários, pais permissivos (= antiautoritarismo), netos sem limites (parafusos de geleia). (pág. 52)

"A permissividade é a outra face do autoritarismo regada a ocasionais crises autoritárias. Não consiste num novo caminho educativo. " (pág. 53) O pai ou o professor permissivo deixa, deixa, deixa... tudo acontecer até o momento em que não aguentando mais a situação, dá um grito: " Agora chega!". " De repente, manifesta um comportamento que não condiz em nada com a permissividade. É a perda da referência educativa" (idem: pág. 53)

É evidente que a liberdade possível de ser vivida em casa, na escola, enfim, em sociedade, é algo a ser construída coletivamente, construção está permeada pelo respeito entre os seus construtores (crianças, adolescentes, pais, professores, alunos), e os limites gerados coletivamente. Cabe, portanto, à família e à escola trabalhar de forma equilibrada, refletida e incentivada, os limites construídos e acompanhados pelo coletivo.

Algumas preocupações da escola que devem ser acompanhadas pela família

Quando nos propomos a trabalhar com crianças e adolescentes, duas preocupações surgem de forma bem marcante: a primeira é que as reflexões a serem feitas e as atividades a serem trabalhadas com adolescentes não podem ser abordadas da mesma forma como são

desenvolvidas com um grupo de crianças. Mas também não podem ser trabalhadas como o são com adultos. A Segunda é que, embora preferencialmente, o trabalho deva estar calcado em atividades lúdicas, dinâmicas e criativas, propiciando um envolvimento tal dos participantes que os impeçam de ficar desmotivados, devem apontar também para a orientação de processos decisivos que os adolescentes enfrentam ao longo deste período de suas vidas, como, por exemplo, responder à pergunta: “que profissão quero para a minha vida adulta?” Ou seja, o processo educativo é sério, mas não deve ser sisudo.

As atividades lúdicas que lembram imediatamente a infância são geralmente rejeitadas pelos adolescentes, pois eles demonstram resistência em participar de atividades que possam levar a crítica de outros participantes; além disso, os adolescentes têm uma autocrítica muito severa e desejam sempre passar uma imagem de que não são mais crianças, reforçando assim, a imagem de que já são “quase adultos”. Assim sendo, a escola e a família devem buscar estabelecer relações e atitudes e desenvolver atividades que propiciem desafio e incentivo à formação de amizades e à resolução de conflitos, num clima de solidariedade entre as pessoas que constituem o grupo relacional do adolescente.

Nesse processo, é imperativo que se busque ter a clareza da responsabilidade que nos aponta a necessidade de compreender e apresentar alguns elementos que ajudem os alunos a se organizarem-se individualmente e a colocarem-se de forma responsável e competente nos diferentes grupos que se constituem dentro da escola. Os grupos buscaram formas de expressão e comunicação por meio das diferentes linguagens, de forma a propiciar, também, a percepção de cada um de sua autoimagem, sua identidade e seu papel na sociedade, assim como possibilitar a construção de sua autonomia e sua busca pela maturidade e capacidade de interpretação, tanto dos fatos, informações e textos que lhes são apresentados, como das diferentes interpretações desses elementos, geradas individualmente e no grupo.

Embora quase sempre o termo adolescente nos leve à ideia de tempo de crise, de rebeldia, de imaturidade, indisciplina e irresponsabilidade é interessante discutir no grupo (seja família ou escola) a necessidade de compreender cada integrante dele – seja do grupo de alunos da escola, seja do de trabalho em sala de aula, seja do familiar ou de amigos – como um sujeito que possui direitos, deveres, desejos, necessidades. E, principalmente, discutir que cada um tem sua forma de se expressar, apreciar e participar das atividades científico-culturais e que, sobretudo, são sujeitos com direito à liberdade e à autonomia criativa.

Isto nos leva a refletir sobre a possibilidade de viabilização de ações que possam contribuir com a construção da identidade, da dignidade e da possibilidade de participação individual e coletiva daqueles que compõem o grupo de convivência, seja ele familiar ou escolar, visando à formação de cidadãos que têm o direito de sonhar, de ter uma autoestima elevada, com direito à alegria, ao prazer, à felicidade e a uma participação ativa na sociedade, tendo respeito por si próprio e pelo outro.

O conceito de adolescente que construímos até aqui foi o seguinte: este é o termo utilizado para determinar o tempo e o espaço de liberdade, de criatividade, de repressão de condutas estereotipadas, vivência de alegrias e pequenas frustrações, dúvidas e certezas, sendo que esse tempo e espaço dependem das histórias de vida, das peculiaridades, das experiências vividas das mais diversas formas, com os significados mais distintos.

Portanto, adolescência é contradição e ação, vida e espera. Espera de oportunidades, compreensão, transformações, construções. Enfim, adolescência é vida, contradição, ação, transformação, ruptura e reaproximação.

O conceito de adolescente construído explicita algumas contradições, visto que percebemos que a construção da identidade do adolescente é individual e coletiva; ele precisa de referências do outro, do grupo, para se diferenciar e construir sua própria identidade. Assim sendo, o desafio que se

coloca ao trabalhar com adolescentes é a necessidade de atenção para as diferenças das mais sutis, que dizem respeito aos princípios morais, estéticos, étnicos e éticos, às mais explícitas como a diversidade do nível de cognição, capacidade de crítica aos elementos culturais etc. Daí a importância de que um projeto de trabalho a ser desenvolvido com crianças e adolescentes apresente como característica fundamental o diálogo, a construção coletiva das regras de convivência e o cumprimento das regras construídas pelo grupo.

Existem algumas variáveis que interferem diretamente no processo de construção do conhecimento quando se tem uma abordagem dialógica, em que a participação do aluno é valorizada. Passamos, a seguir, a explorar algumas dessas variáveis:

AUTOIMAGEM

A construção de uma autoimagem positiva é um ponto crítico no desenvolvimento da motivação que as crianças e os adolescentes demonstram ao participarem de atividades onde têm que se expor; isso gera um processo constante de comparações de suas impressões sobre si mesmo e o que ele ouve das pessoas que os cercam. Podemos dizer que é um esforço constante para responder à pergunta: “Quem eu sou?” Essas interações e o esforço para responder a essa pergunta têm uma estreita relação com o desenvolvimento da autoestima, ou seja, o autoconceito e a forma como se valoriza influem diretamente no desenvolvimento individual da criança ou do adolescente e do grupo que integra.

Para estimular a construção da autoimagem positiva (individualmente) e da autoimagem positiva do grupo, procura-se:

- ❖ Observar os filhos ou alunos para captar qual é a imagem que cada um tem de si mesmo e do grupo;
- ❖ Tentar captar o que levou o filho ou o aluno a apresentar comportamentos de alegria e contentamento, ou frustração e tristeza;
- ❖ Observar como cada um se comporta diante do fracasso e do êxito, e como isso afeta seu comportamento no grupo e na qualidade de sua autoimagem.

CAPACIDADE DE ANÁLISE

A construção da capacidade de análise é um processo em que as crianças ou os adolescentes tentam entender as coisas que os cercam e qual o grau de responsabilidade que eles possuem sobre as coisas que ocorrem com eles no grupo, levando-os a estabelecerem relações entre esforço e resultado de forma consciente. Este processo encontra-se inteiramente ligado à formação da autoimagem, em que analisam as relações e fatos que ocorrem em seu meio e como são afetados.

INTERESSE

Trata-se de um item identificável como sensação ou sentimento que possibilita o aparecimento de uma tendência maior do filho(a) ou do(a) aluno(a) para agir em relação à atividade ou situação que está sendo desenvolvida ou vivida. Normalmente este interesse é identificado como algo inerente à pessoa. Por exemplo, se uma criança ou adolescente acha que não sabe dançar, que é desengonçado, provavelmente, não se interessaria por bailes ou aulas de dança.

As estratégias para despertar o interesse podem ser:

- ❖ A verificação contínua se aquilo que está sendo ensinado é interessante para a criança ou adolescente ou se está muito distante do seu cotidiano.

- ❖ A escolha dos temas, exemplos, músicas e ilustrações, de forma a conectar melhor o que se está “ensinado” com os elementos mais próprios do cotidiano dos participantes, gerando um processo de conhecimento mais profundo de cada um: filho ou aluno por parte dos pais ou dos professores;
- ❖ O reconhecimento das conquistas alcançadas pelas crianças ou adolescentes, estimulando as expressões positivas de interesse, elogiando, congratulando e ajudando a buscar, conhecer ou aproximar-se de outros temas próximos àqueles que geraram o interesse naquele momento.

ANSIEDADE

Piaget nos coloca o conceito de desequilíbrio para identificar um tipo de ansiedade que é estimuladora da aprendizagem. Para ele, uma pessoa em estado de equilíbrio, estável, não é capaz de aprender, pois, para que haja aprendizagem é necessária a existência de algum desequilíbrio (ansiedade ou estímulo externo - motivação) que despertem na criança ou no adolescente a necessidade de aprender para recuperar o equilíbrio.

O enfrentamento dessas “ameaças” contribui com a auto realização e o crescimento como pessoa, cidadão, comerciante, músico, professor, bailarino, ... levando a pessoa a avançar, apesar da ansiedade; o que a leva a vislumbrar novos caminhos na tentativa de solução de seus problemas e superação das barreiras existentes.

CONSCIÊNCIA EFETIVA

O processo de construção do conhecimento exige das crianças ou dos adolescentes uma atuação como sujeitos ativos da ação, que conheçam a si mesmos e reconheçam a importância daquilo que está sendo aprendido e saibam quais são as habilidades e capacidades que estão sendo desenvolvidas. Esta consciência motivadora da aprendizagem e o sentimento de eficácia pessoal são possibilitados pelo surgimento do desejo de aplicação daquilo que foi aprendido em situações da vida cotidiana.

Sabendo da inter-relação entre todas estas variáveis, a escola e a família podem se orientar pelos seguintes pontos:

- ❖ Estimular o interesse, apontando as possibilidades de solução de problemas da vida cotidiana;
- ❖ Propiciar a visão clara da relação entre os esforços despendidos individualmente e pelo grupo e se os resultados atingidos são satisfatórios ou necessitam de maior empenho;
- ❖ Reforçar a persistência, estimulando o esforço para atingir os objetivos traçados individualmente e em grupo;
- ❖ Exigir sempre um pouco mais do que é imediatamente apresentado, visando a criação do hábito da reformulação, estudo e tentativa de aprimoramento;
- ❖ Buscar o reconhecimento do esforço, mesmo quando se estiver exigindo mais;
- ❖ Fazer o registro de conquistas parciais e incentivar a busca de melhor qualidade do trabalho desenvolvido;
- ❖ Desenvolver trabalhos e atividades que sejam desafiadoras, mas não a ponto de causar grande nível de ansiedade.

AUTORA

¹Professora de Educação Física, Mestre em Educação Escolar Brasileira FE/UFG, atual Diretora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XII, p. 189-203.

_____. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVIII, p. 87-179.

TIBA, Içami. *Disciplina: o limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1996.

_____. *Quem Ama Educa*. 2.^a ed. São Paulo: Editora Gente, 200

Elka Gisela Padilha

egpadilha@positivo.com.br

Coordenadora Pedagógica Regional

0800 725 1128 – ligação gratuita

41 – 98417-6583

41 – 3218-1128

Editora Positivo

SPE - Sistema Positivo de Ensino